

Entre rastros e indícios: a atuação de Karla Kozák na constituição de coleções etnográficas em museus do Paraná¹

Ana Elyze Santos Martins de Gois (UNESPAR/PR; PPGTE-UTFPR/PR)

Gabriela de Carvalho Freire (MAE-UFPR/PR; PPGAS-USP/SP)

Palavras-chave: MAE-UFPR; Museu Paranaense; Gênero

Essa comunicação tem como objetivo apresentar os resultados iniciais de uma pesquisa que tem sido realizada no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR (MAE-UFPR) sobre a contribuição de Karla Kozák para a constituição de coleções etnográficas de museus paranaenses e, conseqüentemente, para os estudos sobre arte e materialidades de populações indígenas. Karla (1896-1960) era irmã de Vladimir Kozák (1897-1979), cinegrafista tcheco conhecido por suas expedições a diversas populações indígenas (como os Xetá, Iny-Karajá, Ka'apor e Wauja), que deram origem a coleções etnográficas, fotográficas, audiovisuais e documentais que estão guardadas principalmente no MAE-UFPR e no Museu Paranaense (MuPa).

As contribuições de Karla, por sua vez, não são tão conhecidas pelos pesquisadores atuais quanto as de seu irmão. Embora seja reconhecida por suas aquarelas botânicas, que já foram expostas pelo Museu Paranaense, seu papel central em algumas expedições em conjunto com seu irmão (em que ela coletava peças que depois passariam a compor coleções museológicas, realizava a feitura de registros imagéticos de pinturas corporais e viabilizava as viagens, ao cuidar dos preparativos burocráticos e de subsistência para estas), não é suficientemente reconhecido, por vezes ignorado, tanto pelas instituições que guardam suas coleções quanto pelos pesquisadores que as estudam.

Nessa fala, apresentaremos alguns aspectos da trajetória de Karla que são geralmente negligenciados nos estudos sobre Vladimir, trazendo também informações sobre sua atuação nas expedições de coleta realizadas nos anos de 1953 e 1954 à Terra Indígena do Xingu e aos Iny Karajá, respectivamente. O foco dado a essas duas expedições se deve ao fato de que elas originaram coleções de objetos e fotografias que hoje estão guardadas no MAE-UFPR e que passam, hoje, por um processo de qualificação e contextualização histórica. A documentação

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

que fundamentará a apresentação – fotografias, diários, cartões postais e outras correspondências – faz parte do acervo do Museu Paranaense.

O trânsito que essa pesquisa faz entre os acervos dos dois museus se deve ao fato de que Vladimir Kozák estava ligado às duas instituições quando realizou suas expedições de coleta. De fato, ao lado do acervo constituído pelo antropólogo José Loureiro Fernandes (1903-1977) – que foi fundador de instituições como o Departamento de Antropologia (DEAN), o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), e o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA), todos vinculados à Universidade Federal do Paraná, além de ter sido diretor e chefe do setor administrativo do Museu Paranaense (MuPa) entre as décadas de 1930 e 1960 –, as coleções etnográficas formadas por Vladimir Kozák são hoje reconhecidas como umas das mais importantes do Paraná, e podem ser encontradas justamente nesses dois museus.

A presença marcante dessas duas figuras na constituição de coleções relacionadas a populações indígenas e outros povos tradicionais no Paraná se deve, em grande parte, aos esforços do próprio Loureiro Fernandes, que em meados do século XX se envolveu em pesquisas arqueológicas e antropológicas, dando especial atenção a populações indígenas do Paraná e aos estudos do folclore. Além disso, Loureiro se dedicou também à criação de instituições que se dedicavam à salvaguarda dos acervos resultantes dos estudos realizados por ele próprio, pelos jovens pesquisadores que eram por ele orientados e por outros pesquisadores que orbitavam à sua volta (Pérez Gil, Portela & Freire, 2020). Vladimir Kozák era uma dessas pessoas relacionadas a Loureiro Fernandes: em 1946, ele foi convidado pelo antropólogo, então diretor do MuPa, a coordenar a Seção de Cinema Educativo do Museu Paranaense e, em 1952, ele passou a fazer parte, como cinetécnico, do quadro de funcionários da Universidade Federal do Paraná, onde o antropólogo atuava como docente (Benetti, 2015, p. 66).

Embora Loureiro e V. Kozák tivessem uma relação permeada por conflitos, como afirmam as pesquisadoras que se debruçaram sobre suas trajetórias (Rosato 2009; Benetti, 2015; Lima, 2018), foi justamente sua proximidade que fez com que grande parte dos acervos presentes em instituições museológicas do Paraná carreguem a influência de ambos até hoje. Um dos projetos de José Loureiro era a constituição de um acervo de cultura material de povos indígenas brasileiros que era guardado no Departamento de Antropologia da UFPR, e que era utilizado nas aulas realizadas pelos docentes do DEAN. Grande parte das peças desse acervo foram coletadas por Vladimir Kozák, que realizou diversas expedições com esse propósito (Pérez Gil, Portela & Freire, 2020, p. 258). Posteriormente, na década de 1990, esse acervo foi transferido, em regime de comodato, ao MAE-UFPR, que guarda também objetos que foram coletados pelo próprio Loureiro Fernandes durante expedições a populações como os Kaingang

e os Xetá, no Paraná. O Museu Paranaense também tem um grande acervo de peças de povos indígenas coletadas por Loureiro, como afirmado anteriormente, mas sua coleção de destaque é aquela constituída por objetos, fotografias, filmes, cartas e documentos administrativos que foi levada ao museu depois da morte de Vladimir Kozák, em 1979, em um processo de herança jacente que só teve fim em meados da década de 1990. Segundo Amorim (2019, p. 1), essa coleção é composta, aproximadamente, por 3.300 correspondências trocadas, 30 diários de campo, 60 mil metros de filmes e 7 mil fotografias.²

Grande parte dos acervos do MAE-UFPR e do MuPa, nesse sentido, têm grande relação entre si. Não é raro encontrar, na documentação acerca dessas instituições, o relato de empréstimo de peças entre os dois museus, principalmente no período em que Loureiro Fernandes tinha papel central nos dois. É também muito comum encontrar informações acerca de peças que foram coletadas por Vladimir Kozák e que fazem parte do acervo do MAE-UFPR na documentação pessoal do fotógrafo, que se encontra no Museu Paranaense. Assim, o cruzamento das informações presentes nos dois museus, que serve de base para essa pesquisa, já é comum entre o(a)s pesquisadore(a)s que se debruçam sobre seus acervos.³ Por outro lado, o foco na trajetória de Karla Kozák, que esteve com Vladimir em algumas de suas expedições, não é nada comum: ela é encontrada apenas nas entrelinhas de suas correspondências com amigos, em trechos de diários de Vladimir e em fotografias.

Os irmãos Kozák

Karla e Vladimir Kozák nasceram, respectivamente, nos anos de 1896 e 1897, na zona rural da Morávia, antigo Império Austro-Húngaro e atual República Tcheca, e eram filhos de um serralheiro mecânico e uma bordadeira.

As informações sobre a infância e juventude de Vladimir são mais completas do que as de Karla: sabe-se que ele frequentou o Colégio Francisco José I em sua vila de origem enquanto criança e que estudou Engenharia Mecânica na Escola Nacional Tcheca de Ensino Industrial de Brno, ao mesmo tempo em que estudava escultura e pintura com o professor Jan Kolár na Purkyne University. Em 1914, quando tinha 17 anos, ingressou no exército durante a I Guerra Mundial, servindo no Regimento de Aviação em batalhas na Bulgária e Itália (Benetti, 2015,

² Os documentos são geralmente escritos em inglês, português ou tcheco. Grande parte da dificuldade em estudá-los está justamente na língua, já que grande parte das cartas e alguns diários foram escritos em tcheco. Quando esses documentos estavam datilografados, conseguimos utilizar a ferramenta de tradução do Google, o que nos permitiu fazer um mapeamento parcial dos assuntos tratados nas correspondências analisadas.

³ Ver, por exemplo, Souza, 2017; Amorim, 2021; Passos, 2021; Krambeck, 2021.

p. 49). Dez anos depois, em 1924, decidiu viajar para o Brasil, por motivos até hoje não muito evidentes. Sobre Karla, sabemos que em 1923, cinco anos após o término da I Guerra Mundial, começou a frequentar a Escola Profissional de Bordado, formando-se em 1926.⁴ Posteriormente, frequentou também a Escola de Artes Aplicadas de Praga, tornando-se professora.

Entre 1927 e 1938, Vladimir tentou encontrar uma fonte de renda segura no Brasil, vivendo por curtos períodos de tempo nos estados de Espírito Santo, Bahia e Minas Gerais. Enquanto isso, Karla continuou na República Tcheca, aparentemente morando em uma casa separada da de seus pais, mas ainda com bastante contato com eles. Ela se correspondia frequentemente com Vladimir e, ao longo do ano de 1934, enviou diversas cartas avisando-o do estado de saúde de sua mãe, que estava cada vez pior e faleceu no mesmo ano.⁵



Imagem 1 - MP.KO.10157 - Foto pessoal de Vladimir Kozák - Família Kozák: Adolfina, Francisco e Karla, Bystrice, República Tcheca, 1932.⁶

Em 1938, Vladimir se muda definitivamente para a cidade de Curitiba, passando a trabalhar como engenheiro mecânico da Companhia de Força e Luz do Paraná, no cargo de Superintendente de Energia (Benetti, 2015, p. 55). Nesse mesmo ano, Karla comunica ao irmão

⁴ Documento MP.KO.2250, denominado “Boletos da Escola de Arte Industrial de Karla Kozáková Kozák, contendo informações sobre a sua conduta na escola”, disponível na base Pergamum do Museu Paranaense.

⁵ Documentos MP.KO.4345, MP.KO.4346, MP.KO.4347, MP.KO.4348, disponíveis na base Pergamum do Museu Paranaense.

⁶ As legendas das fotografias foram tiradas, em sua maioria, da base de dados Pergamum. Em alguns casos, adicionamos algumas informações ou comentários.

o falecimento de seu pai, que já não estava bem nos últimos anos.⁷ No ano seguinte, em 1939, Karla se muda para Curitiba para morar com seu irmão. Os escritos que se debruçam sobre a trajetória de Vladimir geralmente afirmam que Karla se mudou para o Brasil por conta do falecimento de seus pais, pois estaria sem muitos vínculos familiares em sua terra natal (Rosato, 2009; Benetti, 2015). Porém, as correspondências entre os dois irmãos e entre Karla e seus amigos tchecos nos permitem aventar outra hipótese: é possível que Karla tenha vindo ao Brasil como refugiada da Segunda Guerra Mundial, que teve início justamente no ano de 1939, ano de sua partida da então Tchecoslováquia.

Já nas cartas enviadas por ela anos antes é possível encontrar alguns comentários acerca da situação das fronteiras entre a Tchecoslováquia e a Alemanha. Segundo uma carta de Karla a Vladimir em julho de 1938, o então presidente alemão Adolf Hitler estava avançando com suas tropas muito rapidamente, e as fronteiras entre os dois países estavam cada vez mais próximas da cidade em que seus pais residiam, Olomouc. Karla escreve a seu irmão dizendo desejar que os alemães “não engulam o país inteiro”, e afirmando que Hitler havia comido “as fronteiras mais bonitas”. Nessa carta e em outra escrita três meses depois, ela informa a Vladimir que o correio daquela região estava sendo censurado, e que as conexões estavam em um péssimo estado por conta da invasão alemã.⁸



Imagem 2 - MP.KO.12675 - Correspondência de Grmelová para Karla Kozák, Bystrice, República Tcheca, com carimbo da censura alemã, 15/04/1940.

⁷ Documento MP.KO.4351, denominado “Correspondência de Karla Kozaková para Vladimir Kozák”, disponíveis na base Pergamum do Museu Paranaense.

⁸ Documentos MP.KO.4352 e MP.KO.6267, disponíveis na base Pergamum do Museu Paranaense.

Assim, é muito possível que Karla não tenha vindo ao Brasil apenas para poder estar próxima de seu irmão, ajudando-o nas tarefas domésticas, como é afirmado, por exemplo, por Benetti (2015, p. 55), mas sim para fugir de uma região diretamente afetada pela invasão alemã em território tcheco. Algumas cartas do acervo do Museu Paranaense demonstram, inclusive, que Karla manteve seu apartamento nos aposentos destinados a professores até pelo menos o ano de 1947. Pelo que as cartas enviadas pelo advogado Jaromir Fialka afirmam, o apartamento ficou reservado para Karla durante a guerra, e só parece ter sido devolvido depois que o conflito acabou. Essas cartas também dão a entender que Karla continuou a receber seu salário como professora até o fim da guerra, pois era considerada uma refugiada de guerra e, portanto, gozava de licença remunerada.⁹ Nesse sentido, há possibilidade de Karla ter vindo ao Brasil planejando voltar à então Tchecoslováquia e a seu antigo emprego quando a guerra acabasse.

Ainda que tenha decidido ficar no Brasil no período pós-guerra, Karla continuou se correspondendo com amigos tchecos e auxiliando grupos afetados pelo conflito. Entre os documentos da coleção Vladimir Kozák do MuPa, existem comprovantes e cartas de recibo de doações feitas por ela à Cruz Vermelha da Tchecoslováquia e a instituições de guarda de crianças tchecas,¹⁰ que mostram o quanto a Guerra a afetou.

De qualquer modo, depois de chegar ao Brasil e ficar por aqui durante a Guerra, Karla parece ter decidido fixar residência no país, obtendo sua cidadania brasileira em 1954 e morando com seu irmão até sua morte, em 1960. Durante os 21 anos em que morou com Vladimir, Karla continuou se correspondendo com amigos tchecos e ela e Vladimir se comunicavam com advogados que cuidavam das propriedades de sua família na Morávia. Mas o cotidiano de Karla no Brasil, pelo que é possível depreender das menções que Vladimir faz a ela em seus diários e correspondências, era marcado pelas tarefas domésticas e pelas expedições que ela realizava em conjunto com o irmão.

⁹ Documentos n.º MP.KO.6190 e MP.KO.6191, disponíveis na base Pergamum do Museu Paranaense.

¹⁰ Documentos n.º MP.KO.6214, MP.KO.2239 e MP.KO.4889, disponíveis na base Pergamum do Museu Paranaense.



Imagem 3 - MP.KO.8580 - Foto pessoal de Vladimir Kozák - Karla e Vladimir Kozák no interior, s.l., s.d.

Karla Kozák e as expedições de 1953 e 1954

As ações de Karla nas expedições realizadas junto a seu irmão são acessíveis pelas entrelinhas e relatos presentes nos diários de campo de Vladimir, uma vez que relatos e produções próprias de Karla em relação às expedições não existem nos acervos consultados. Karla, ao se mudar para o Brasil e passar a residir com Vladimir, assumiu as atividades domésticas, principalmente as de cuidado e subsistência, de forma que o preparo da alimentação se tornou uma das atividades desenvolvidas por ela. Em correspondência de Vladimir trocada com Frantisek Faulhamer¹¹ em 1966 (ou seja, seis anos depois do falecimento de Karla), o fotógrafo relata sobre como perdia tempo cozinhando e que não se satisfazia com a qualidade do que preparava, destacando que, enquanto Karla estava viva, a situação era diferente. Faulhamer o responde reforçando as ações de cuidado que Karla realizava para o seu irmão devido ao seu apreço por ele. Ainda nessa correspondência, Faulhamer reforça a presença e ânimo de Karla em acompanhar o irmão nas expedições, ocasião em que ela acabava, também, realizando tais atividades.

A relação de Karla com a produção de alimentos e com as atividades que garantiam a subsistência de ambos também é presente nos diários de campo de Vladimir, que geralmente destacam a ampla atuação de Karla nesse quesito, tanto no que tange à produção e preparo,

¹¹Documento MP.KO.4177, disponível na base Pergamum do Museu Paranaense.

quanto nas compras e antecipação das necessidades dela e do irmão. Caso paradigmático dessa atuação de Karla é o relato feito por Vladimir em julho de 1954, durante a expedição que eles realizaram aos Iny Karajá. Segundo ele, Karla havia realizado as compras de suprimentos para ambos no início da viagem, e esses itens eram, em alguns momentos, a única coisa que possuíam para se alimentar: “Era uma cozinha muito improvisada, mas as salsichas de porco secas que tínhamos nos salvaram – tudo isso foi Karla quem comprou”.¹² Em outras ocasiões nessa mesma expedição Vladimir escreve sobre a atuação de Karla na produção de alimentos e refeições para eles e para os demais do grupo. Nesse caso, além de uma ação de cuidado, o preparo dos alimentos é entendido por Vladimir como uma forma pela qual os companheiros de expedição testavam o comprometimento de ambos com a viagem, o que mostra como a presença e as ações de Karla eram de suma importância para a possibilidade de realização dessas expedições. Além dos diários de Vladimir, temos também registros fotográficos de Karla junto às cozinhas improvisadas, em que ela figura sozinha nesses espaços.



Imagem 4 – MP.KO.9934 - João José Bigarella, Vladimir e Karla Kozák em expedição de pesquisa e documentação no rio Paraná, s.d. Karla em cozinha improvisada.

¹² “It was a very improvised cooking, but the dry pork sausages we had saved our situation - well it was Karla who bought these.” Tradução nossa.

Karla também atuava, durante as expedições, junto às outras mulheres que estavam em campo ou trabalhavam para o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) junto às comunidades, como é o caso de Hetty Brendel. Hetty era enfermeira e atuava com os Iny Karajá na ocasião da expedição de julho de 1954, quando conheceu Karla e relatou sua história e sua experiência vivendo com os indígenas. Assim como Karla, Hetty havia saído da Europa devido à Segunda Guerra Mundial, instalando-se no Brasil, onde conseguiu um emprego no SPI. Esse é um dos exemplos de outras atuações que Karla parecia possuir nas expedições, onde atuava enquanto facilitadora no contato com algumas pessoas, principalmente mulheres, em campo. E, embora os diários de Vladimir não digam isso, é possível que Karla tenha sido também uma ponte entre o fotógrafo e as mulheres ceramistas que fabricaram grande parte dos objetos coletados por eles.¹³



Imagem 5 - MP.KO.7607 - Vladimir Kozák. Karla Kozák e mulheres Waurá exibindo a cerâmica tradicional, Alto Xingu, Mato Grosso, s.d.

Outro ponto de atuação de Karla era o de apoio ao irmão em relação à produção imagética do que haviam visto e experienciado em campo. Vladimir é reconhecido por suas fotografias e filmes etnográficos que, em alguma medida, produziam visualidades das

¹³ Desenvolveremos esse ponto na conclusão.

comunidades com as quais entravam em contato. Além desses suportes, ele também produzia desenhos em seus diários que dialogavam ou se dedicavam a outros detalhes observados em campo. É a partir desses desenhos que entramos em contato com uma outra forma de ação de Karla. No diário de campo da expedição realizada pelos irmãos à Terra Indígena do Xingu, entre os Kamaiurá, datado de 25 de junho de 1953,¹⁴ existem alguns desenhos de pinturas corporais utilizadas no ritual Yawari, cerimônia dedicada aos mortos. Posteriormente, esses desenhos foram refeitos em folhas de papel separadas e finalizados com pintura em aquarela.¹⁵ Inicialmente, é fácil atribuir esses desenhos ao próprio Vladimir, que era quem escrevia esses diários. Porém, em outro documento presente na coleção do Museu Paranaense, denominado “Anotações, 1953”,¹⁶ Vladimir afirma que os desenhos representando as pinturas corporais do Yawari foram realizados em conjunto com Karla que, como já foi afirmado, é reconhecida por suas habilidades na aquarela (Krambeck, 2021).¹⁷ Não é possível afirmar se os esboços do diário são de Vladimir ou de Karla, mas os desenhos finalizados passaram, segundo o próprio Vladimir, pelas mãos de ambos. Inclusive, na própria base de dados do MuPa os desenhos são descritos como “Desenhos de Vladimir Kozák e Karla Kozák documentando pinturas do ritual do Jawari”. Dessa forma, no diálogo entre estes documentos, podemos entender que tanto Vladimir quanto Karla se dedicavam ao conhecimento das pinturas corporais e à sua posterior reprodução artística.

¹⁴ Documento MP.KO.1413, disponível na base Pergamum do Museu Paranaense.

¹⁵ Documentos MP.KO.6697, MP.KO.6698, MP.KO.6700, MP.KO.6701, MP.KO.6702, MP.KO.6704, MP.KO.6705, MP.KO.6706, MP.KO.6707, MP.KO.6708, MP.KO.6709, MP.KO.6710, MP.KO.6711, são alguns dos documentos que apresentam tal processo. Todos estes documentos fazem parte da coleção de documentos pertencentes a Vladimir Kozák que receberam o selo de Memória Mundo da UNESCO (MOW) em 2017.

¹⁶ Documento MP.KO. 2368, disponível na base Pergamum do Museu Paranaense.

¹⁷ Em 2012, o Museu Paranaense realizou uma exposição com as aquarelas com temáticas botânicas que Karla produziu e fazem parte do acervo da instituição. A exposição recebeu o título “Um olhar feminino sobre a natureza do Paraná: Karla Kozák” e foi aberta junto à exposição “Vladimir Kozák, o olhar de um viajante”, dedicada aos quadros, fotografias e filmes produzidos pelo irmão de Karla.

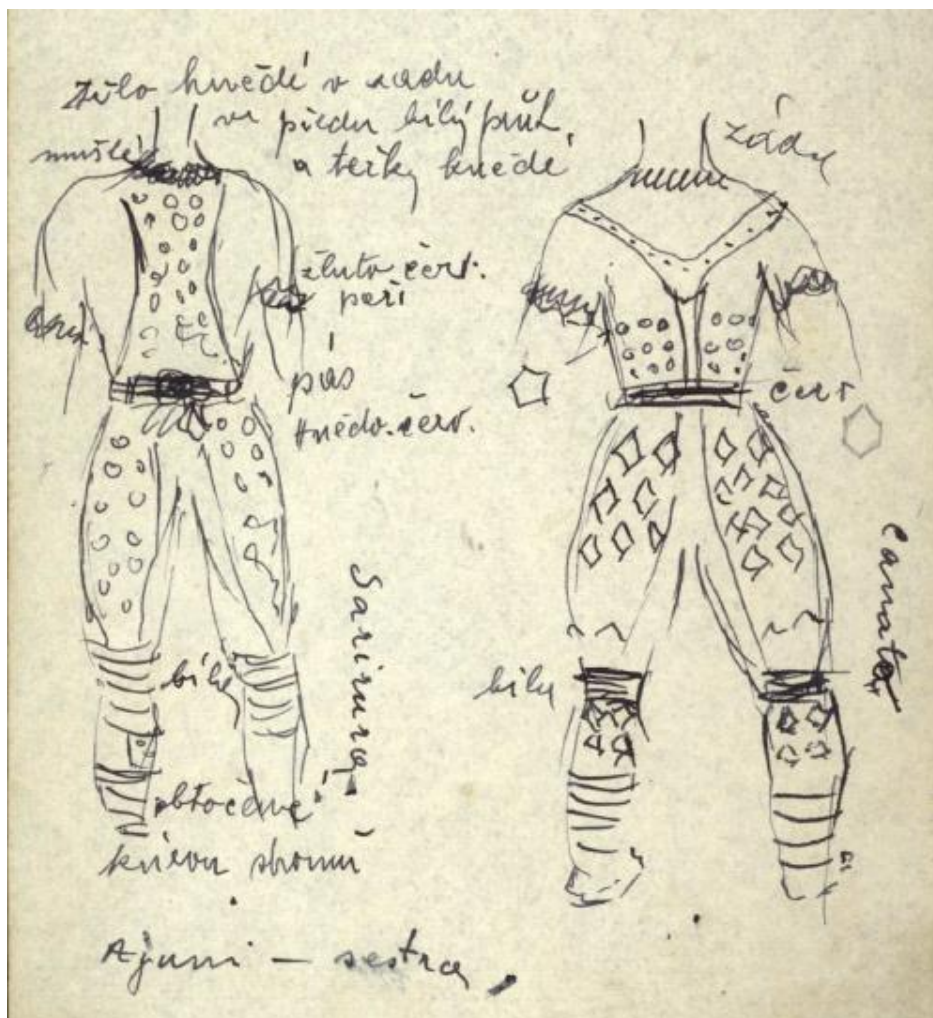


Imagem 6 - MP.KO.1413 - fragmento do bloco F01 - apontamentos diversos de Vladimír Kozák, 25/06/1953, p. 7.

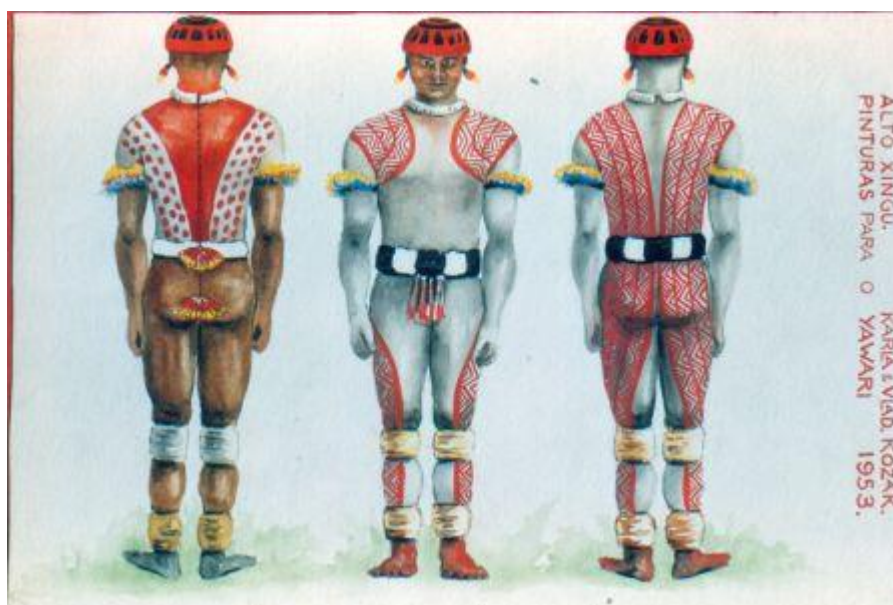


Imagem 7 - MP.KO.6707 - Desenhos de Vladimír Kozák e Karla Kozák documentando pinturas do ritual Jawari, 1953.



Imagem 8 - MP.KO.6701 - Desenhos de Vladimir Kozák e Karla Kozák documentando pinturas do ritual Jawari, 1953.

Como afirmado anteriormente, as expedições empreendidas por Karla e Vladimir a várias comunidades indígenas tinham como um dos propósitos a aquisição de objetos e bens materiais junto a essas populações, para que posteriormente fossem vendidas ou doadas a instituições de guarda, como era o caso do DEAN-UFPR e do Museu Paranaense. Em alguns casos, suas expedições eram financiadas por essas instituições, mas em outros os próprios irmãos Kozák guardavam reservas de dinheiro para que pudessem adquirir os itens desejados. Porém, haviam algumas circunstâncias em que eles precisavam renunciar a objetos pessoais e suprimentos que haviam levado consigo para as expedições, caso necessitassem de espaço nas bagagens para retornar a Curitiba com os itens adquiridos. Ainda no diário de relato da expedição aos Iny Karajá em 1954, Vladimir escreve sobre a dificuldade de levarem consigo todos os itens que haviam comprado devido ao excesso de bagagem que estavam carregando e à “má vontade” de alguns companheiros para possibilitarem o transporte das bagagens. Tal situação fez com que Karla abandonasse vários dos itens que adquiriu nessa expedição e desse prioridade, no transporte, aos itens do irmão. Karla, além de adquirir os objetos, foi incumbida da responsabilidade de transportá-los e acompanhá-los em segurança no retorno a Curitiba, enquanto Vladimir continuava a expedição. Assim, as peças retornaram a Curitiba pelas mãos de Karla, tendo ela atuação primordial para que elas fossem posteriormente vendidas e incorporadas aos acervos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPR e do Museu Paranaense.



Imagem 9 - MP.KO.7649 - Vladimir Kozák. Karla Kozák navegando em rios do Alto Xingu, Mato Grosso, s.d.

A relação de Karla com os objetos, em seu transporte e aquisição, nos incitam ainda outra hipótese sobre sua vivência: a de que ela participou de forma efetiva nos processos de incorporação destes itens ao acervo das instituições, principalmente do DEAN-UFPR e, posteriormente, do MAE-UFPR, tanto em relação à importância de sua atuação no transporte e conservação destes objetos, como em sua possível atuação na negociação dos objetos, uma vez que algumas datas de incorporação de itens sugerem que as peças foram adquiridas enquanto Vladimir ainda estava em campo.

Em suma, a presença e atuação de Karla nas expedições podem ser percebidas sobre várias perspectivas, mas como comentamos ao longo do texto, tais ações são percebidas por intermédio de relatos e documentos que não foram produzidos diretamente por ela. É possível afirmar, por meio dos documentos aos quais tivemos acesso, que Karla acompanhou Vladimir em outras expedições além dessas realizadas em 1953 e 1954. Em seus relatos, Vladimir destaca sempre a disposição dos irmãos para participar dessas viagens, além de afirmar como era proveitoso que eles possuíssem a presença um do outro nas expedições. A parceria de ambos acabou com a morte de Karla em 1960, em decorrência de complicações da malária, que ela provavelmente contraiu em alguma de suas viagens com o irmão (Benetti, 2015). A morte de Karla foi devastadora para Vladimir, que recebeu diversas correspondências de amigos de fora do Brasil, preocupados com o estado de Vladimir e que o incentivaram a deixar

o Brasil.¹⁸ Logo após a morte de Karla, Vladimir encomendou do artista tcheco Zdenek Burian um quadro em homenagem à irmã que foi doado à cidade de Bystrice, na República Tcheca, cidade natal de ambos.¹⁹ No quadro, Karla e Vladimir estão em uma aldeia xinguana. Karla é representada no centro da imagem junto a mulheres e crianças indígenas, enquanto Vladimir está à esquerda. No fundo da imagem e ao redor dos dois estão homens indígenas, como parece ter sido o pedido de Vladimir ao artista.²⁰

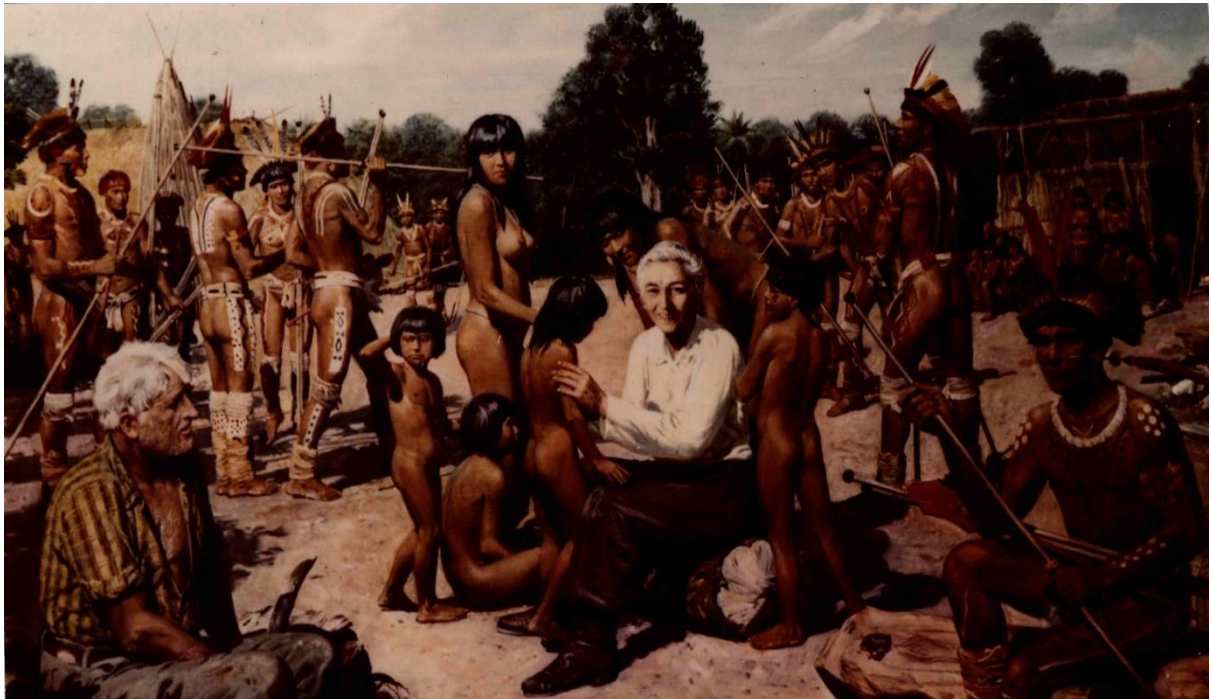


Imagem 10 - MP.KO.8648 - Reprodução do quadro em homenagem a Karla Kozák, do artista Zdenek Burian.

Considerações finais

A tarefa de pesquisar a trajetória de Karla por meio da documentação disponível no Museu Paranaense é árdua. Em primeiro lugar, porque grande parte dos postais e correspondências que foram enviados por ela e que poderiam iluminar certos aspectos de sua vida e personalidade estão escritos em tcheco e foram escritos manualmente, o que dificulta muito sua compreensão por pessoas que não conhecem a língua. Em segundo lugar, porque os documentos mais longos e descritivos, que se debruçam sobre o cotidiano doméstico e das

¹⁸ Documentos MO.KO.2002, MP.KO.2003, MP.KO.2019, MP.KO.4184, disponíveis na base Pergamum do Museu Paranaense.

¹⁹ Segundo o Museu Paranaense, em página dedicada ao projeto “Kozák e os Povos Indígenas do Brasil”, o quadro permanece na entrada da prefeitura de Bystrice. Disponível em: <https://www.vladimirkozak.com.br/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

²⁰ Documento MP.KO.1873, disponível na base Pergamum do Museu Paranaense.

expedições, não foram escritos por Karla e sim por seu irmão. Em seus diários, Vladimir raramente cita Karla quando está se referindo às suas pesquisas e expedições a povos indígenas, embora ela tenha estado em várias dessas viagens. É mais comum encontrá-la nas descrições acerca da vida doméstica de ambos e em correspondências que foram enviadas por Vladimir após sua morte. Todas as pesquisas acerca da trajetória do fotógrafo afirmam que ele ficou extremamente abalado com o falecimento de Karla, e em várias correspondências ele se refere a Karla de maneira muito afetuosa e saudosa (ver por exemplo Rosato, 2009, p. 27; Benetti, 2015, p. 55). E grande parte da dificuldade em tentar acessar a artista e professora por meio dos escritos feitos por seu irmão está justamente nesse ponto: Vladimir a colocava em uma esfera afetiva e doméstica, nunca descrevendo-a como uma pessoa com projetos profissionais próprios.

Isso parece se dar por dois motivos: em primeiro lugar, porque eles eram parentes e a vida cotidiana e doméstica era, realmente, o que preponderava em sua relação. Em segundo lugar, e mais importante, há o fato de que Karla era uma mulher da metade do século XX que, por mais que tivesse iniciado uma carreira de professora em seu país natal, continuava sendo vista como alguém que não tinha aspirações profissionais. E, como ainda não temos acesso a diários da própria Karla e às suas correspondências em tcheco, não sabemos se ela estava confortável com essa posição que passou a ocupar quando chegou ao Brasil. Mas o fato de ela ter se mudado da casa dos pais na Morávia, ter morado sozinha em um apartamento da escola na qual trabalhava e ter postergado a decisão de ficar no Brasil e abandonar seu antigo emprego depois do fim da Guerra nos faz crer que, possivelmente, ela não estivesse completamente satisfeita com uma vida estritamente doméstica, e talvez por isso tenha passado a acompanhar Vladimir em suas expedições. Ainda assim, parece ser possível afirmar que Karla não buscava um amplo reconhecimento por suas ações enquanto colecionadora ou enquanto viajante. Assim como as mulheres estudadas por Mariza Correa (2003), Karla não parecia estar em busca de renome, e só a possibilidade de viajar com seu irmão já a lançava em um domínio que não era tradicionalmente ocupado por mulheres nessa época.²¹

Há, além disso, outra dificuldade de visualizar as contribuições de Karla por meio dos diários de Vladimir: o fato de que o próprio fotógrafo some de seus relatos. Os diários analisados nessa pesquisa são todos escritos com um grande distanciamento entre o observador (Vladimir) e seus observados (os povos indígenas por ele visitados), de um modo que não é possível entrever as interações entre Vladimir, Karla e seus interlocutores (que nessa época

²¹ Sobre esse ponto, a tese de Mariana Sombrio (2014) traz algumas considerações muito importantes.

eram vistos mais como “informantes”). Mesmo em seus diários há uma construção de um presente etnográfico que faz parecer que as relações em jogo são atemporais e estão sendo vistas por um observador externo (Clifford, 1998).

Mas, voltando à Karla, é necessário nos perguntar quais são os motivos que levaram ao apagamento de seu papel nos estudos acerca da constituição de coleções etnográficas de museus do Paraná. Na seção acima, trouxemos diversas descrições que mostram que Karla estava engajada não apenas na coleta, mas também no registro de costumes e expressões artísticas que encontrava em campo. Por que, então, essa contribuição foi deixada de lado? A seguir, elencamos dois elementos que podem ter levado a essa situação.

Em primeiro lugar, há a posição marginal que o próprio Vladimir ocupava no campo dos estudos sobre populações indígenas enquanto estava vivo. Como afirmado anteriormente, Vladimir e Loureiro Fernandes tinham uma relação permeada por conflitos. Grande parte deles pareciam ter a ver com o tipo de abordagem que ambos queriam dar aos materiais coletados em suas expedições: enquanto Loureiro Fernandes tinha uma visão e uma postura científicista e positivista, sendo conhecido por suas contribuições teóricas e nas políticas públicas (afinal, Loureiro Fernandes foi também Secretário de Educação e Cultura e vereador de Curitiba), Vladimir era reconhecido por sua sensibilidade como artista e fotógrafo. Suas afirmações acerca dessas populações, nesse sentido, não eram levadas muito a sério entre os acadêmicos da época por conta da falta de teor científico, o que parece ter gerado um sentimento de não pertencimento no fotógrafo e cinegrafista, que é muitas vezes descrito como um *outsider* (Benetti, 2015).²² Além disso, havia também o fato de que, dentro da universidade, Vladimir ocupava o cargo de técnico, não gozando do mesmo prestígio que outros pesquisadores que eram contemporâneos a ele tinham por serem docentes, o que adicionava um toque de conflito de classe a essas relações (Rosato, 2009). Nesse sentido, se o próprio Vladimir, um homem branco e europeu que era oficialmente vinculado à universidade e acessava diretamente os acadêmicos atuantes na época, tinha seu trabalho desconsiderado em alguns aspectos, é de se esperar que as ações de sua irmã, que aparentemente não circulava tanto quanto Vladimir, fossem ainda mais invisibilizadas.

²² Segundo Lima (2018), depois da morte de Loureiro Fernandes e Vladimir Kozák, a situação tendeu a se inverter, de certa forma. Segundo ela, Loureiro Fernandes, que teve muito reconhecimento em vida por conta de sua ampla atuação na área acadêmica e política, acabou por ser uma figura menos conhecida depois de sua morte. A autora afirma que uma provável explicação para isso é o fato de que os documentos do antropólogo não têm uma unidade, estando separados entre diversas instituições, o que dificulta uma visão geral de sua vida e obra. Já Vladimir Kozák, que sofreu com o pouco reconhecimento em vida, hoje em dia é bem mais reconhecido no Brasil e fora dele, tendo inclusive seu acervo nominado como Memória do Mundo/UNESCO em 2017. Aparentemente, o fato de todo o acervo de V. Kozák ter ido para uma só instituição, no processo de herança jacente, pode ter contribuído para seu reconhecimento póstumo.

Outro elemento que contribuiu para o apagamento das ações de Karla é sua interpretação na chave do *cuidado*. O próprio Vladimir parece fazer uma relação entre as tarefas que a professora realizava dentro de casa e aquelas que a ocupavam nas expedições, como se as tarefas de cuidado transbordassem as fronteiras da casa e chegassem até o campo. Assim, atividades como cozinhar, costurar, fazer compras de alimentos, roupas e outros bens que garantiam as viagens eram entendidas como tarefas de cuidado, que seriam naturais às mulheres e, portanto, à Karla. É por isso que essas tarefas não são entendidas como relacionadas às expedições: parece haver uma separação entre atividades de subsistência, como essas descritas, e aquelas mais profissionais, como o relacionamento com as pessoas em campo, o registro das observações, e a realização de fotografias e de desenhos descritivos. Porém, é impossível separar esses dois âmbitos, justamente porque o segundo não aconteceria sem o primeiro, e porque as próprias ações de cuidado podem ser usadas, em campo, como uma forma de criar relações (por exemplo no caso em que as refeições preparadas por Karla foram entendidas pelos companheiros de viagem dos irmãos como um sinal de companheirismo). Para entender a contribuição de Karla a essas expedições, portanto, é necessário desfazer essa polarização entre os tipos de atividades e, além disso, tirar o *cuidado* da chave da moralidade, como se ele fosse uma ação natural das mulheres. O cuidado é, na realidade, uma forma de se relacionar que não é único de pessoas que se entendem como mulheres, e que pode permear diversos campos da vida social, não apenas o doméstico (Comas-d'Argemir, 2017).

É interessante também pensar em como as tarefas de cuidado podem ter feito com que, durante as viagens, Karla se aproximasse mais das mulheres do que seu irmão. É possível que, por se responsabilizar pelo preparo dos alimentos e outras atividades que permitiam que Vladimir se ocupasse com outras tarefas, a professora tenha circulado mais pelos espaços ocupados pelas mulheres que estava visitando, talvez até mesmo conseguindo contatos de pessoas que produziam os artefatos que os irmãos buscavam durante suas expedições. Os Wauja e os Iny Karajá, populações visitadas por eles nas expedições de 1953 e 1954, por exemplo, são reconhecidos por suas cerâmicas, que são feitas justamente pelas mulheres. E os acervos constituídos por essas viagens contam com muitos destes objetos, como as *ritxoko* (ou “bonecas”) iny-karajá e as vasilhas e panelas wauja.²³ Como afirmado anteriormente, os diários de Vladimir não afirmam nada nesse sentido, mas algumas das fotografias encontradas no acervo do MuPa nos levaram a aventar essa hipótese: nelas, é possível ver Karla com uma

²³ Não será possível, nessa apresentação, fazer um detalhamento maior dos acervos constituídos pelos irmãos Kozák para o DEAN-UFPR, e que hoje se encontram no MAE-UFPR.

mulher wauja e suas panelas (Imagem 5); Karla com uma mulher e uma criança wauja (Imagem 11); e Karla com duas mulheres não identificadas em uma expedição dos irmãos ao interior do Paraná (Imagem 12).



Imagem 11 - MP.KO.7611 - Vladimir Kozák. Karla Kozák e índios do Xingu, Alto Xingu, Mato Grosso, s.d



Imagem 12 - MP.KO.8598 - Vladimir Kozák. Karla e amigas, Curitiba, Paraná, s.d.

Há também que se comentar a ênfase que é colocada sobre a produção imagética dos irmãos Kozák. Como afirmado anteriormente, Vladimir é extensamente conhecido por suas fotografias, filmes e documentários, enquanto Karla é reconhecida por suas aquarelas botânicas. Em 2012, o Museu Paranaense realizou duas exposições inauguradas na mesma data (17/04/2012): “Vladimir Kozák, o olhar de um viajante”, que expunha quadros, fotografias e filmes do irmão de Karla e “Um olhar feminino sobre a natureza do Paraná: Karla Kozák”, que apresentava ao público suas aquarelas botânicas.²⁴ É possível visualizar a separação que é realizada entre as tarefas dos dois apenas com uma análise dos títulos das mostras: de um lado, um homem aventureiro que documentou, sob seu olhar de viajante, diversas populações indígenas e a sociedade paranaense e, de outro, uma mulher que retratou as plantas e flores que estavam em seu entorno. É digno de nota, inclusive, a ênfase ao caráter “feminino” das aquarelas de Karla no nome da exposição, enquanto a masculinidade de Vladimir nem é citada no título de sua mostra. E é interessante perceber, também, que os desenhos realizados por ambos retratando as pinturas corporais do ritual do Yawari provavelmente não faziam parte da exposição de Karla, levando em conta seu título, pois ela não é pensada como uma viajante aventureira, em oposição a seu irmão.²⁵ A exposição de Karla ficou em cartaz por apenas 4 meses, encerrando em agosto de 2012, enquanto a mostra de Vladimir se estendeu até fevereiro de 2013.

Esse tratamento desigual realizado pelos museus em relação aos irmãos Kozák é observado também no dia a dia dessas instituições. Até hoje, as coleções que foram constituídas pelos dois são chamadas de “coleções Kozák”, em referência apenas a Vladimir, e não a Karla. Grande parte das pessoas que circulam nesses espaços não sabe, inclusive, da existência de Karla e, quando sabe, a conhece como “irmã do Kozák”. É evidente que há, nesse ponto, uma questão de documentação envolvida: os documentos de aquisição das peças geralmente levam o nome de Vladimir, e não de Karla. Mas hoje em dia é possível afirmar que não se sabe exatamente se essas informações referenciam Vladimir porque foi ele quem, efetivamente, cuidou desses trâmites burocráticos, ou se foi Karla que se responsabilizou por algumas dessas vendas e doações, mas, mesmo assim, o registro foi feito em nome de seu irmão, pois era ele quem estava oficialmente vinculado a essas instituições.

Para finalizar, consideramos importante fazer também uma menção à questão do nome. Karla e Vladimir levavam o mesmo sobrenome – embora, em alguns casos, Karla seja

²⁴ Informações extraídas da reportagem do Jornal Bem Paraná, disponível em <https://www.bemparana.com.br/exposicoes/os-kozak-no-museu-paranaense-210587/>. Acesso em 25/08/2022.

²⁵ Uma análise mais aprofundada das duas exposições deverá ser realizada em outro momento.

denominada “Karla Kosakova” –, o que, em um contexto patriarcal acaba por invisibilizar a presença de Karla. Esse é o caso de diversas outras mulheres na história do colecionismo e da antropologia, como por exemplo Dina Dreyfus (que usava o sobrenome de Lévi-Strauss na época em que viveu no Brasil), Berta Ribeiro e Helen Pierson, todas esposas ou ex-esposas de antropólogos homens que passaram a ser reconhecidos como “grandes nomes” da disciplina (Correa, 2003). Mas, ao contrário dessas três mulheres, Karla levava seu nome de família, e não seu nome de casada, o que torna a sua situação um tanto diferente. Enquanto Dina, Berta e Helen abandonam seu nome de família e passam a ser eclipsadas pelo nome de seus esposos, Karla nem precisou abandonar seu nome original para passar por esse processo de invisibilidade. Aparentemente, os nomes das mulheres não viram “grandes” nem quando elas continuam com seus nomes originais (pois elas parecem ficar em uma eterna espera de um novo nome – o de um possível marido – para ter uma identidade individual) e nem quando adquirem o nome de seus maridos (pois essa nova identidade individual logo é eclipsada pelos seus maridos). Faz-se necessário, então, que voltemos para os arquivos e para a história da antropologia e do colecionismo a fim de recuperar a grandeza dessas mulheres relacionando-as aos seus próprios nomes, que são reiteradamente associados apenas aos homens que estão em seus entornos.

Referências bibliográficas

- AMORIM, Beatriz Rangel Thurler. “Vladimir Kozák (1897-1979): memórias e narrativas”. In: *X Encontro Regional Sul de História Oral: a História Oral e o direito à memória*. Curitiba, 2019.
- AMORIM, Beatriz Rangel Thurler. *Colecionar o outro: a experiência etnográfica de Vladimir Kozák entre os Ka’apor*. (Mestrado em Antropologia) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.
- BENETTI, Rosalice Carriel. *Vladimir Kozák: sentimentos e ressentimentos de um lobo solitário*. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, pp. 18-62.
- COMAS-D’ARGEMIR, Dolors. “El don y la reciprocidad tienen género: las bases morales de los cuidados”. In: *Quaderns-e de l’Institut Català d’Antropologia*, 22(2), Barcelona: ICA, 2017, pp. 17-32.
- CORREA, Mariza. *Antropólogas & Antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

- KRAMBECK, Ana Beatriz Lacerda. *Os caminhos do colecionamento: cerâmicas wauja no MAE-UFPR*. (Monografia em Ciências Sociais) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.
- LIMA, Edilene Cofacci. “De documentos etnográficos a documentos históricos: a segunda vida dos registros sobre os Xetá (Paraná, Brasil)”. In: *Sociologia e Antropologia*, 8(2), Rio de Janeiro, 2018, pp. 571-597.
- PASSOS, Lilianny Rodriguez Barreto dos. *As coisas xetá: pessoas, instituições e coleções*. (Tese em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.
- PÉREZ GIL, Laura, PORTELA, Bruna & FREIRE, Gabriela. “Prática extensionista em museus universitários: a trajetória do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (MAE-UFPR)”. In: *Revista CPC*, V. 15, São Paulo, 2020, pp. 247-277.
- ROSATO, Márcia. *Uma constelação de imagens: a experiência etnográfica de Vladimir Kozák*. (Tese em Antropologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. *Em busca pelo campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX*. (Tese em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências da Unicamp, Campinas, 2014.
- SOUZA, Luana Maria de. *Contextos e processos de formação da Coleção Xetá do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR / MAE-UFPR*. (Monografia em Ciências Sociais) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.